

# PARA UMA TEORIZAÇÃO DO TEATRO EMANCIPADOR

*Lucilia Maria de Oliveira Rodrigues Valente*

Universidade de Évora

Palavras-Chave: teatro emancipador, professor-motor, dramaterapia

A investigação participante é um processo social que reconhece não haver individuação sem socialização, sendo ambas fundamentais na relação do indivíduo consigo próprio e com os outros (Kemmis & MacTaggart, 2005), na medida em que envolve o indivíduo na análise dos seus conhecimentos e na forma como ele se interpreta e como interpreta o mundo.

Como consequência, o Teatro e Comunidade, na acepção que tem sido desenvolvida na licenciatura em Estudos Teatrais da Universidade de Évora (Portugal), além de possibilitar o desenvolvimento do teatro enquanto arte, pretende incrementar não só esta individuação e socialização mas também a identidade cultural, valores de cidadania e prática criativa (Valente, 2006). Surge assim a necessidade dos professores possuírem, além de "conhecimentos" na área do teatro, uma formação em relações humanas, centrada na animação e dinamização de grupos na comunidade.

Neste sentido, os projectos-laboratório, formas de intervenção inspiradas nos princípios da investigação-acção, fomentam uma abertura à sociedade actual através de uma forma de intervenção artística e teatral, a qual desigmo por *teatro emancipador*: comunidade, processos grupais, sem deixar de atender ao **desenvolvimento pessoal e social** dos alunos em formação.

O ímpeto para esta abordagem teatral nasceu da importância de pôr em prática, não só novas formas do fazer teatral, mas também novas formas de fazer Universidade (Valente, 2004a, 2007). Assim, o teatro emancipador é uma intervenção artístico-formativa que visa uma ligação entre a actividade **educativa, teatral e cívica**. Com efeito, a área científica de Teatro e Comunidade criada no contexto da Licenciatura em Estudos da Universidade de Évora fez emergir uma dimensão de intervenção social formativa que, chega a tomar a forma de alfabetização artística perante a constatação da iliteracia artística de várias faixas populacionais (Valente, Bezelga & Chafirovitch, 2003).

Na construção da abordagem teve-se em consideração o trabalho da autora na área da dramaterapia (Valente, 1991a,b; Valente e Fontana, 1991, 1992,1994, 1997) , de Paulo Freire (Freire, 1975; Morrow e Torres, 2002) , Augusto Boal ( Boal, 1988; 2005) Richard Schechner (Schechner, 2006) e Roberto Crema ( Crema, 1989 ) entre outros. De acordo com Boal (2005), o que define uma perspectiva de teatralidade de cariz social é o facto das problemáticas sociais serem os motores da intervenção teatral. No entanto, a perspectiva que defendemos não se esgota na cariz social, sendo também centrada nas problemática pessoal e ecológica.

Estas formais teatrais decorrem do processo que procura potenciar as possibilidades individuais de **transformação, autonomia e conscientização**, no sentido freiriano que nos tem inspirado . Apesar da construção epistemológica do teatro emancipador estar ainda em *working process*, no núcleo de investigação (NECAA), que coordeno no CIEP de Évora, estão a decorrer investigações sob a minha supervisão científica que, esperamos, venham a dar contributos fundamentados para a conceptualização, delimitação e definição de abordagens, como o teatro social (Chafirovitch, 2006 e Proença, 2006), bem como das manifestações da teatralidade popular (Bezлга, 2006), todos com pontos de contacto e intersecção ligados ao conceito de teatro emancipador. Na construção teórico-prática da experiência em curso, a dramaterapia (Jennings, 1987), o psicodrama (Blatner, 1988 ) e o *play back theatre* ( Rowe, 2007; Salas, 1993) são áreas com contributos relevantes.

A dinâmica do teatro emancipador depende em grande parte da pessoa que o conduz, o **professor-motor**, um jogador activo, simultaneamente “facilitador”, “propulsor” e “encenador co-criador”. O termo é adaptado a partir do conceito de “acteur-moteur” utilizado em companhias de teatro e comunidade, como o grupo Théâtre du Fil (sediado em Paris). Note-se, porém que este conceito de *motor* difere da biomecânica de Myerhold.

O professor-motor deverá desenvolver a capacidade de assumir vários papéis como o de actor ou de encenador, fazendo constantemente inversões destes vários papéis. Esta capacidade implica uma atitude e um saber artístico-pedagógico que exige uma grande flexibilidade. O conhecimento e a vivência de técnicas da dramaterapia é de grande ajuda a este profissional. Praticar o *role-reversal* na concepção moreniana , a empatia, - a *tele* -, com o grupo e com cada indivíduo, é uma forma de desenvolver as qualidades referidas . Muitas delas têm de ser convocadas em simultâneo: quando o professor desempenha o papel de actor dentro do grupo continua a ter que manter o papel propulsor e facilitador; e as performances são co-criadas com o grupo.

No **teatro emancipador**, o professor-motor é sobretudo um **reinventor teatral** que, a partir de processos de *investigação acção participante*, é capaz de descobrir, em acção, outros caminhos, outras direcções, de acordo com a população específica com quem trabalha . Ao ***experimentar***, ele está, ao mesmo tempo, a reflectir em novos factos e novas ideias. **A intervenção comunitária com base no teatro emancipador, é um espaço de experimentação, um espaço flexível de observação, um espaço próprio de criação artística (co-criação em acção), no qual se pensa, se sente e se age, atendendo a si próprio e ao grupo, bem como aos processos interactivos entre todos os intervenientes.**

O uso intencional das experiências criativas, quando estas preenchem necessidades afectivas, sociais e cognitivas, constitui um meio de proporcionar benefícios psicológicos a grupos e indivíduos, o que confere uma vertente terapêutica ao *teatro emancipador* que

estamos a desenvolver (Valente, 2005). Processo holístico, ao integrar as capacidades físicas, emocionais, mentais e espirituais, em suma, as capacidades globais do ser humano (Crema, 1998; Valente, 2000).

Estar na educação e na comunidade de uma forma pró-activa e interventiva, caracterizada por uma atitude inclusiva e transformadora, implica um trabalho pessoal e interpessoal permanente, assente em três áreas chave :

- 1. auto-conhecimento (saber ouvir o outro para nos apercebermos de nós)**
- 2. auto-aprendizagem (dar o nosso melhor e receber do outro o que nos falta)**
- 3. auto-consciencialização (melhorando as relações afectivas entre as pessoas)**

Assim sendo e para finalizar, o teatro emancipador na educação e na comunidade, para além desta dimensão pessoal e interpessoal, fomenta as parcerias criativas em que **as artes, com a função de Formação Cultural e Cívica** , devem estar ligadas a valores da Cooperação e do Humanismo: **um maior conhecimento e um maior culto da imaginação e da partilha** é das formas mais eficazes de garantir uma atitude cooperante e humanizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blatner, H & Blatner, A. (1988) *Foundations of Psychodrama: History, Theory and Practice*. New York: Springer Publishing Company.

Boal, A. (2005) *Jogos para Atores e Não-Atores*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Crema, R. (1989) *Introdução à Visão Holística*, S.Paulo: Summus Editora.

Freire, P (1975) , *Pedagogia do Oprimido*, Ed. Afrontamento, Porto, 1975.

Jennings, S (ed) .(1987) *Dramatherapy: Theory and Practice for Teachers and Clinicians*: London: Adam and Charles Black.

Kemmis, S. & MacTaggart, R. (2005) “Participatory Action Research-Communicative Action and the Public Shephere, In N. K..

Morrow, R.& Torres, C.A.( 2002). *Reading Freire and Habermas-Critical Pegagogy an Transformative Social Change*. N.Y: Teacher College Press.

Rowe, N. (2007). *Playing the Other-Dramatizing Personal Narrative in Playback Theatre*, . London: Jessica Kingsley

Salas, J. (1993) *Improvising Real Life- Personal Story in Playback Theatre*. Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company.

Schechner, R. (2006). *Performance Studies- Na Introduction* . London: Routledge

Valente, L. (1991a) *Therapeutic Drama and Psychological Health: An Examination of Theory and Practice the Dramatherapy*, tese de doutoramento não publicada, Universidade of Wales, Cardiff.

Valente, L. (1991b) *Research on the use of drama in therapy*. In M. Kersner (ed.) *The Art of Research: Conference Proceedings*. London: City University.

Valente, L (2000) “Da educação pela Arte ás Expressões Artísticas Integradas:

contributos de uma Formação Holística de Professores” . In C.Cabral (org) *Estudos de Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte-Biblioteca do Educador Profissional.

Valente, L (2001) “Dorothy Heatcote: Aprender através do Drama”, In Santos, T., Marques Pereira, s., (orgs) *Leonor da Fonseca Pimentel – a portuguesa de Nápoles (1752-1799)* . Lisboa: Livros Horizonte.

Valente, L. (2003)” Para Uma Didáctica com Amor” . In António Neto e tal *Didácticas e Metodologias de Educação*. Vol II. Évora: Departamento de Pedagogia da Universidade de Évora.

Valente, L. (2004), “A Universidade do Bem Comum: Comunidade Criativa e Pro-activa” , In REVUÈ, Ano I, n. 1, Universidade de Évora.

Valente, L. (2005a), Teatro e Comunidade na construção de uma cidadania inclusiva, in REVUÈ, Ano II, n. 4, Universidade de Évora.

Valente, L. (2005b), Além grades - um projecto na prisão de Évora, in REVUÈ, Ano II, n. 4, Universidade de Évora.

Valente, L. (2005 c). “As expressões artísticas na educação como processo pré-terapêutico”, Itinerários, 2ª série, 1.

Valente, L. (2007). “Formação Interactiva e Intervenção Cooperativa- novas formas de fazer *Uni(ver)cidade*” – Apresentação no Simpósio, Construindo “Comunalidades” Artístico- Pedagógicas, no âmbito do Congresso Unicidade do Conhecimento, Universidade de Évora.

Valente, L. and Fontana, D. (1991). Dramatherapy and psychological change. In G. Wilson (ed) *Psychology and the Performing Arts*. Amsterdam: Swets and Zeitlinger.

Valente, L. and Fontana, D. (1992). Research into dramatherapy theory and practice: some implications for training. In H. Payne (ed) *One River, Many Currents: A Handbook of Inquiry in the Arts Therapies*. London: Jessica Kingsley.

Valente, I. & Fontana, D. (1994). Dramatherapist and client: an examination of good practice and outcomes. *The Arts in Psychotherapy*, 21, 3-10.

Valente, L., and Fontana, D. (1997). Assessing Client Progress in Dramatherapy . In S. Jennings (ed.) *Dramatherapy Theory and Practice 3*. London: Routledge.